XVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFJF

Grande área:

Lingüística, Letras e Artes

Projeto:

O MITO DA MINEIRIDADE REVISITADO: 1. FRANCISCO ALVIM OU A HISTÓRIA VISTA DE BAIXO

Autores:

DANILO LOVISI FERREIRA DA SILVA (XX PIBIC 2011/2012)
OTÁVIO CAMPOS VASCONCELOS FAJARDO (XIX BIC 2011/2012)
FERNANDO FABIO FIORESE FURTADO (ORIENTADOR)

Resumo:

Publicado pela primeira vez na edição das "Poesias reunidas" (1968-1988), "O corpo fora" (1988), do poeta mineiro Francisco Alvim, reúne extratos de falas que, de forma fragmentária e minimalista, dão a ver a contracena da história do Brasil, com privilégio de acontecimentos olvidados e personagens anônimas das Minas Gerais. A estratégia antilírica de dissolução do eu poético se presta tanto ao acolhimento das vozes subterrâneas dos múltiplos e díspares sujeitos históricos, quanto ao desvelamento das entrelinhas dos discursos hegemônicos e à revisão crítica dos movimentos coletivos e dos fatos assentados pela historiografia tradicional. Neste sentido, a obra de Francisco Alvim contribui de forma paradigmática para a crítica e a desconstrução dos mitos da mineiridade, considerando tal mineiridade, consoante as palavras de Maria A. do Nascimento Arruda em "Mitologia da mineiridade" (1990), como "o imaginário mineiro pronto e elaborado", urdido e conformado histórica e ideologicamente desde os relatos dos viajantes europeus do século XIX até a literatura modernista, sem olvidar o préstimo das obras de historiadores, cronistas, ensaístas e políticos mineiros, mesmo contemporâneos. Nestes termos, a poesia de Francisco Alvim parece investir contra a ordem tranquilizadora do discurso identitário do ser mineiro, na medida em que introduz o paradoxo, a contradição, o desvio, a negação, o "non sense" que participam de todo o jogo teatral que se joga na cena da história, incluindo os bastidores do imaginário, os alçapões da ideologia e as cortinas que se abrem à "traduction légendaire" das realidades das várias Minas. O epíteto paradoxal que Augusto Massi empresta a "O corpo fora" - "poesia memorialística, prosa minimalista" - não nos permite olvidar que os modos e manobras desta crítica desconstrutora ensejam a aproximação da poética de Francisco Alvim com um tipo específico de escrita além da memorialística, qual seja, aquela escrita da história proposta no âmbito da "nouvelle histoire". Assim, através da identificação dos traços de similaridade entre os poemas de Alvim e as teorizações e práticas da nova história em relação aos objetos, abordagens e problemas historiográficos, conforme assinalados, dentre outros, por Peter Burke, Edward P. Thompson, Jacques Le Goff e Pierre Nora, pretende-se demonstrar como

"O corpo fora" dialoga com a "história vista de baixo", a heteroglossia e outros aspectos da "nouvelle histoire".